

caderno do  
**PROFESSOR**

# FILOSOFIA



ensino médio  
**2ª SÉRIE**  
volume 1 - 2009



## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador  
**José Serra**

Vice-Governador  
**Alberto Goldman**

Secretária de Educação  
**Maria Helena Guimarães de Castro**

Secretária-Adjunta  
**Iara Gloria Areias Prado**

Chefe de Gabinete  
**Fernando Padula**

Coordenadora de Estudos e Normas  
Pedagógicas  
**Valéria de Souza**

Coordenador de Ensino da Região  
Metropolitana da Grande São Paulo  
**José Benedito de Oliveira**

Coordenadora de Ensino do Interior  
**Aparecida Edna de Matos**

Presidente da Fundação para o  
Desenvolvimento da Educação – FDE  
**Fábio Bonini Simões de Lima**

### EXECUÇÃO

Coordenação Geral  
**Maria Inês Fini**

Concepção  
Guiomar Namó de Mello  
Lino de Macedo  
Luís Carlos de Menezes  
Maria Inês Fini  
Ruy Berger

### GESTÃO

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Presidente do Conselho Curador:  
Antonio Rafael Namur Muscat

Presidente da Diretoria Executiva:  
Mauro Zilbovicius

Diretor de Gestão de Tecnologias  
aplicadas à Educação:  
Guilherme Ary Plonski

Coordenadoras Executivas de Projetos:  
Beatriz Scavazza e Angela Sprenger

### COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas  
Pedagógicas

### Coordenação do Desenvolvimento dos Conteúdos Programáticos e dos Cadernos dos Professores

Ghisleine Trigo Silveira

#### AUTORES

##### Ciências Humanas e suas Tecnologias

Filosofia: Paulo Miceli, Luiza Christov, Adilton  
Luís Martins e Renê José Trentin Silveira

Geografia: Angela Corrêa da Silva, Jaime  
Tadeu Oliva, Raul Borges Guimarães, Regina  
Araújo, Regina Célia Bega dos Santos e  
Sérgio Adas

História: Paulo Miceli, Diego López Silva,  
Glaydson José da Silva, Mônica Lungov Bugelli e  
Raquel dos Santos Funari

Sociologia: Heloisa Helena Teixeira de Souza  
Martins, Marcelo Santos Masset Lacombe,  
Melissa de Mattos Pimenta e Stella Christina  
Schrijnemaekers

##### Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Biologia: Ghisleine Trigo Silveira, Fabíola Bovo  
Mendonça, Felipe Bandoni de Oliveira, Lucilene  
Aparecida Esperante Limp, Maria Augusta  
Querubim Rodrigues Pereira, Olga Aguiar  
Santana, Paulo Roberto da Cunha, Rodrigo  
Venturoso Mendes da Silveira e Solange Soares  
de Camargo

Ciências: Ghisleine Trigo Silveira, Cristina  
Leite, João Carlos Miguel Tomaz Micheletti Neto,  
Julio César Foschini Lisbôa, Lucilene Aparecida  
Esperante Limp, Máira Batistoni e Silva, Maria  
Augusta Querubim Rodrigues Pereira, Paulo  
Rogério Miranda Correia, Renata Alves Ribeiro,  
Ricardo Rechi Aguiar, Rosana dos Santos Jordão,  
Simone Jaconetti Ydi e Yassuko Hosoume

Física: Luis Carlos de Menezes, Sonia Salem,  
Estevam Rouxinol, Guilherme Brockington, Ivã  
Gurgel, Luis Paulo de Carvalho Piassi, Marcelo de  
Carvalho Bonetti, Maurício Pietrocola Pinto de  
Oliveira, Maxwell Roger da Purificação Siqueira e  
Yassuko Hosoume

Química: Denilse Moraes Zambom, Fabio  
Luiz de Souza, Hebe Ribeiro da Cruz Peixoto,  
Isis Valença de Sousa Santos, Luciane Hiromi  
Akahoshi, Maria Eunice Ribeiro Marcondes,  
Maria Fernanda Penteado Lamas e Yvone  
Mussa Esperidião

##### Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Arte: Geraldo de Oliveira Suzigan, Gisa Picosque,  
Jéssica Mami Makino, Mirian Celeste Martins e  
Sayonara Pereira

Educação Física: Adalberto dos Santos Souza,  
Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches  
Neto, Mauro Betti e Sérgio Roberto Silveira

LEM – Inglês: Adriana Ranelli Weigel Borges, Alzira  
da Silva Shimoura, Livia de Araújo Donnini Rodrigues,  
Priscila Mayumi Hayama e Sueli Salles Fidalgo

Língua Portuguesa: Alice Vieira, Débora Mallet  
Pezarim de Angelo, Eliane Aparecida de Aguiar,  
José Luís Marques López Landeira e João Henrique  
Nogueira Mateos

##### Matemática

Matemática: Nilson José Machado, Carlos  
Eduardo de Souza Campos Granja, José Luiz Pastore  
Mello, Roberto Perides Moisés, Rogério Ferreira da  
Fonseca, Ruy César Pietropaolo e Walter Spinelli

##### Caderno do Gestor

Lino de Macedo, Maria Eliza Fini e Zuleika de Felice  
Murrice

##### Equipe de Produção

Coordenação Executiva: Beatriz Scavazza

Assessores: Alex Barros, Antonio Carlos Carvalho,  
Beatriz Blay, Carla de Meira Leite, Eliane Yambanis,  
Heloisa Amaral Dias de Oliveira, José Carlos  
Augusto, Luiza Christov, Maria Eloisa Pires Tavares,  
Paulo Eduardo Mendes, Paulo Roberto da Cunha,  
Pepita Prata, Renata Elsa Stark, Solange Wagner  
Locatelli e Vanessa Dias Moretti

##### Equipe Editorial

Coordenação Executiva: Angela Sprenger

Assessores: Denise Blanes e Luis Márcio Barbosa

Projeto Editorial: Zuleika de Felice Murrice

Edição e Produção Editorial: Conexão Editorial,  
Buscato Informação Corporativa, Verba Editorial e  
Occy Design (projeto gráfico)

##### APOIO

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da  
Educação

##### CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias de educação do país, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos\* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

\* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas no material da SEE-SP que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239c São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.  
Caderno do professor: filosofia, ensino médio - 2ª série, volume 1 /  
Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Adilton  
Luís Martins, Luiza Christov, Paulo Miceli, Renê José Trentin Silveira. – São  
Paulo : SEE, 2009.

ISBN 978-85-7849-190-1

1. Filosofia 2. Ensino Médio 3. Estudo e ensino I. Fini, Maria Inês. II.  
Martins, Adilton Luís. III. Christov, Luiza. IV. Miceli, Paulo. V. Silveira, Renê José  
Trentin. VI. Título.

CDU: 373.5:101

Prezado(a) professor(a),

Dando continuidade ao trabalho iniciado em 2008 para atender a uma das prioridades da área de Educação neste governo – *o ensino de qualidade* –, encaminhamos a você o material preparado para o ano letivo de 2009.

As orientações aqui contidas incorporaram as sugestões e ajustes sugeridos pelos professores, advindos da experiência e da implementação da nova proposta em sala de aula no ano passado.

Reafirmamos a importância de seu trabalho. O alcance desta meta é concretizado essencialmente na sala de aula, pelo professor e pelos alunos.

O Caderno do Professor foi elaborado por competentes especialistas na área de Educação. Com o conteúdo organizado por disciplina, oferece orientação para o desenvolvimento das Situações de Aprendizagem propostas.

Esperamos que você aproveite e implemente as orientações didático-pedagógicas aqui contidas. Estaremos atentos e prontos para esclarecer dúvidas ou dificuldades, assim como para promover ajustes ou adaptações que aumentem a eficácia deste trabalho.

Aqui está nosso novo desafio. Com determinação e competência, certamente iremos vencê-lo!

Contamos com você.

**Maria Helena Guimarães de Castro**

Secretária da Educação do Estado de São Paulo

# SUMÁRIO

**São Paulo faz escola – Uma Proposta Curricular para o Estado 5**

**Ficha do Caderno 7**

**Orientação sobre os conteúdos do bimestre 8**

**Situações de Aprendizagem 10**

Situação de Aprendizagem 1 - O Eu racional 10

Situação de Aprendizagem 2 - Introdução à Ética 17

Situação de Aprendizagem 3 - A liberdade 26

Situação de Aprendizagem 4 - Autonomia 32

# SÃO PAULO FAZ ESCOLA – UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ESTADO

Prezado(a) professor(a),

É com muita satisfação que apresento a todos a versão revista dos Cadernos do Professor, parte integrante da Proposta Curricular de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental – Ciclo II e do Ensino Médio do Estado de São Paulo. Esta nova versão também tem a sua autoria, uma vez que inclui suas sugestões e críticas, apresentadas durante a primeira fase de implantação da proposta.

Os Cadernos foram lidos, analisados e aplicados, e a nova versão tem agora a medida das práticas de nossas salas de aula. Sabemos que o material causou excelente impacto na Rede Estadual de Ensino como um todo. Não houve discriminação. Críticas e sugestões surgiram, mas em nenhum momento se considerou que os Cadernos não deveriam ser produzidos. Ao contrário, as indicações vieram no sentido de aperfeiçoá-los.

A Proposta Curricular não foi comunicada como dogma ou aceite sem restrição. Foi vivida nos Cadernos do Professor e compreendida como um texto repleto de significados, mas em construção. Isso provocou ajustes que incorporaram as práticas e consideraram os problemas da implantação, por meio de um intenso diálogo sobre o que estava sendo proposto.

Os Cadernos dialogaram com seu público-alvo e geraram indicações preciosas para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e para a Secretaria, que gerencia esse processo.

Esta nova versão considera o “tempo de discussão”, fundamental à implantação da Proposta Curricular. Esse “tempo” foi compreendido como um momento único, gerador de novos significados e de mudanças de ideias e atitudes.

Os ajustes nos Cadernos levaram em conta o apoio a movimentos inovadores, no contexto das escolas, apostando na possibilidade de desenvolvimento da autonomia escolar, com indicações permanentes sobre a avaliação dos critérios de qualidade da aprendizagem e de seus resultados.

Sempre é oportuno lembrar que os Cadernos espelharam-se, de forma objetiva, na Proposta Curricular, referência comum a todas as escolas da Rede Estadual, revelando uma maneira inédita de relacionar teoria e prática e integrando as disciplinas e as séries em um projeto interdisciplinar por meio de um enfoque filosófico de Educação que definiu conteúdos, competências e habilidades, metodologias, avaliação e recursos didáticos.

Esta nova versão dá continuidade ao projeto político-educacional do Governo de São Paulo, para cumprir as 10 metas do Plano Estadual de Educação, e faz parte das ações propostas para a construção de uma escola melhor.

O uso dos Cadernos em sala de aula foi um sucesso! Estão de parabéns todos os que acreditaram na possibilidade de mudar os rumos da escola pública, transformando-a em um espaço, por excelência, de aprendizagem. O objetivo dos Cadernos sempre será apoiar os professores em suas práticas de sala de aula. Posso dizer que esse objetivo foi alcançado, porque os docentes da Rede Pública do Estado de São Paulo fizeram dos Cadernos um instrumento pedagógico com vida e resultados.

Conto mais uma vez com o entusiasmo e a dedicação de todos os professores, para que possamos marcar a História da Educação do Estado de São Paulo como sendo este um período em que buscamos e conseguimos, com sucesso, reverter o estigma que pesou sobre a escola pública nos últimos anos e oferecer educação básica de qualidade a todas as crianças e jovens de nossa Rede. Para nós, da Secretaria, já é possível antever esse sucesso, que também é de vocês.

Bom ano letivo de trabalho a todos!

**Maria Inês Fini**  
Coordenadora Geral  
Projeto São Paulo Faz Escola

## FICHA DO CADERNO

<b>Nome da disciplina:</b>	Filosofia
<b>Área:</b>	Ciências Humanas e suas Tecnologias
<b>Etapa da educação básica:</b>	Ensino Médio
<b>Série:</b>	2 <sup>a</sup>
<b>Período letivo:</b>	1 <sup>o</sup> bimestre de 2009
<b>Temas e conteúdos:</b>	Introdução à ética e a produção do sujeito ético

## ORIENTAÇÃO SOBRE OS CONTEÚDOS DO BIMESTRE

As sugestões contidas neste Caderno devem ser avaliadas por você e consideradas, sempre, em função da experiência adquirida em sua convivência com os alunos nos ambientes em que são desenvolvidas suas atividades docentes. Assim, a intenção é estabelecer mecanismos de diálogo a partir, também, de nossas experiências, adquiridas ao longo de anos de trabalho com o ensino de Filosofia para alunos, em sua maioria, carentes de recursos econômicos e – por que não dizer? – culturais.

O primeiro objeto da ética, sem dúvida, deriva da relação que estabelecemos com a vida. Essa relação pode ser traduzida em atitudes, em formas de existência e de coexistência, em interpretações de mundo e na compreensão da própria morte.

A ética pode ser fundamentada em perguntas tão simples quanto antigas, representadas na história da Filosofia. Essa antiguidade, contudo, não deve transformar perguntas como “Que atitude tomar diante de tal problema?” ou “Como fazer o bem?” em questões superadas ou fora de moda. Ao contrário, a permanência e ampliação dos problemas que afetam todos os ambientes da vida social exigem um tratamento com base nas premissas próprias da ética.

No ambiente escolar, são abundantes as situações que requerem considerações de ordem ética, tanto pelo professor quanto pelos alunos. Por exemplo, uma aula não-preparada certamente prejudicará a formação do aluno:

não é uma atitude ética. Do mesmo modo, quando o aluno “cola” na prova ou copia o trabalho de *sites* da internet, além de comprometer seu desenvolvimento pessoal, reforça atitudes antiéticas. Como avaliar o comportamento de um jogador de futebol que, diante de milhões de pessoas, inclusive de jovens torcedores, avança sobre o juiz, ao receber uma punição, depois de cometer uma falta clara, intencional e violentíssima? Trata-se de uma postura condenável eticamente, e o fato de ele vestir a camisa do meu time não deve me impedir de condenar esse comportamento. Como trabalhar com os alunos comportamentos preconceituosos, como o racismo, o machismo, o desrespeito às diferenças de religiosidade ou sexualidade – todos eles manifestados na própria escola e que, não raro, induzem às práticas de violência ou rejeição?

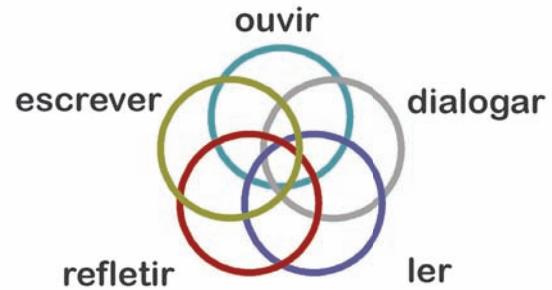
Como se vê, a ética tem enorme campo de aplicação. Seus princípios podem ser praticados tanto para julgar um político corrupto quanto a nós mesmos, nas mais prosaicas situações da existência. Trabalhar essas questões com o adolescente pode incentivar a formação de valores que ponham o bem acima e à frente do consumismo e do individualismo (segundo os quais só o que vale é o benefício próprio), como se pode notar, desde cedo, na fala de tantas crianças.

O princípio inicial da ética é a compreensão do sujeito ético, quando o indivíduo se reconhece como um ser capaz de agir de forma ética. É esse o primeiro problema a ser trabalhado neste Caderno: se o aluno for capaz de

se perceber como um ser fundamentalmente pensante, conseguir se reconhecer também como um ser capaz de fazer o que é eticamente necessário e recomendável.

Para tanto, começaremos com uma discussão a respeito do *cogito cartesiano*, passando depois para o tratamento da diferença entre moral e ética. A partir disso, será trabalhado o tema da liberdade e seus limites, seguido de discussões sobre autonomia, a forma legisladora do indivíduo livre. Em síntese, o que se pretende com esses quatro temas é fazer com que os estudantes se pensem como racionais, percebam a importância da ética, reflitam sobre a liberdade e, então, assumam sua capacidade de autonomia.

Como você pode ver, o desafio é grande e as forças contrárias não podem ser negligenciadas, mas em um mundo no qual escasseiam os exemplos éticos, no qual se vive a chamada “crise de valores”, seu trabalho como professor de Filosofia é, sem dúvida, uma necessidade urgente.



# SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 O EU RACIONAL

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é fazer com que o aluno se reconheça como um ser racional e seja introduzido ao estudo da ética como sujeito ético, isto é, como alguém capaz de fazer escolhas por

meio de princípios racionais que reconhecem valores.

Para isso, vamos utilizar *o cogito cartesiano* como suporte teórico.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** os conceitos e temas básicos a ser desenvolvidos são: razão, subjetividade moderna, Descartes, *cogito*.

**Competências e habilidades:** a realização desta Situação de Aprendizagem deve estimular o desenvolvimento de diversas habilidades, como dominar diferentes linguagens e compreender diferentes fenômenos do conhecimento. A proposta procura incentivar as competências que possibilitam reconhecer o próprio aluno como sujeito racional, e cuja característica fundamental é o exercício do pensamento. Além disso, a atividade visa a incentivar as práticas de pesquisa, a sistematização e a apresentação de conceitos e informações, com o que os alunos também serão levados a fundamentar conhecimentos teóricos.

**Estratégias:** aulas expositivas e exercícios de reflexão e leitura.

**Recursos:** lousa e texto para leitura.

**Avaliação:** como toda a tarefa é realizada em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do caderno do aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Para iniciar o bimestre, você pode pedir aos alunos que pesquisem as biografias de Sócrates, Aristóteles, Epicuro, René Descartes, Jean-Paul Sartre e Immanuel Kant. O interessante nessa pesquisa é a possibilidade de identificação do aluno com o filósofo, o que poderá levá-lo a se interessar mais pelos conteúdos aplicados.

### Sondagem e sensibilização

#### Ouvir e dialogar

Durante a aula, você pode propor para os alunos algumas questões sobre a *existência*, com o objetivo de apresentar sua fundamentação racional. Procure incen-

tivá-los a não se contentar com respostas sem profundidade ou que apelem para obviedades.

Lembrando que você pode ampliar, suprimir ou modificar as questões sugeridas, indicamos como problemas iniciais:

- ▶ Prove que você existe.
- ▶ Prove que aqui não é um sonho.
- ▶ Prove que tudo o que você está vivendo hoje não é uma lembrança, pois você

não é um velhinho, lembrando do seu passado.

- ▶ Prove que você não é um programa de computador desenvolvido para pensar esta realidade.

Para levar os alunos à compreensão de sua existência com base na possibilidade do pensar, o quadro a seguir permitirá que você aponte para eles o raciocínio cartesiano sobre a existência; ele está aí para ajudá-lo na elaboração didática do problema.

Como posso provar que existo	
Se tudo isso fosse um sonho, só uma coisa eu ainda seria capaz de fazer:	eu penso.
Se tudo isso fosse uma ilusão e este meu corpo não existisse, ainda teria uma certeza:	eu penso.
Se tudo isso fosse uma loucura, ainda que de modo peculiar:	eu penso.
Se eu fosse um programa de computador, ainda assim:	eu penso.
Se eu fosse uma memória, mesmo assim:	eu penso.
Se eu duvido da existência de tudo, não importa: duvidar prova que:	eu penso.

Com base na visualização do quadro, os alunos poderão perceber que seu pensamento está presente nas diferentes situações descritas. O ato de pensar é uma certeza. Se tudo é uma ilusão, pensar é uma certeza. Pensar é uma ação realizada por alguém, de forma que é possível afirmar que também é uma certeza a existência de alguém que pensa.

### Roteiro para aplicação da Situação de Aprendizagem

#### Ler

A partir do momento em que os alunos passam a entender que o “eu penso” é uma constante, leia com eles o texto a seguir:

### Discurso sobre o Método

[...] por desejar dedicar-me apenas à pesquisa da verdade, achei que deveria agir exatamente ao contrário, e rejeitar como totalmente falso tudo aquilo em que pudesse supor a menor dúvida, com o intuito de ver se, depois disso, não restaria algo em meu crédito que fosse completamente incontestável.

Ao considerar que nossos sentidos às vezes nos enganam, quis presumir que não existia nada que fosse tal como eles nos fazem imaginar. E, por existirem homens que se enganam ao raciocinar, mesmo no que se refere às mais simples noções de geometria, e cometem paralogismos, rejeitei como falsas, achando que estava sujeito a me enganar como qualquer outro, todas as razões que eu tomara, até então, por demonstrações. E, enfim, considerando que quaisquer pensamentos que nos ocorrem quando estamos acordados nos podem também ocorrer enquanto dormimos, sem que, nesse caso, exista algum que seja correto, decidi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais corretas do que as ilusões de meus sonhos. Logo em seguida, porém, percebi que, ao mesmo tempo que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava.

Mais tarde, ao analisar com atenção o que eu era, e vendo que podia presumir que não possuía corpo algum e que não havia mundo algum, ou lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, resultava com bastante evidência e certeza que eu existia; ao passo que, se somente tivesse parado de pensar, apesar de que tudo o mais que alguma vez imaginara fosse verdadeiro, já não teria razão alguma de acreditar que eu tivesse existido; compreendi, então, que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material. De maneira que esse eu, ou seja, a alma, por causa da qual sou o que sou, é completamente distinta do corpo e, também, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, mesmo que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é.

Depois disso, considerei o que é necessário a uma proposição para ser verdadeira e correta; pois, já que encontrara uma que eu sabia ser exatamente assim, pensei que devia saber também em que consiste essa certeza. E, ao perceber que nada há no eu penso, logo existo, que me dê a certeza de que digo a verdade, salvo que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir, concluí que poderia tomar por regra geral que as coisas que concebemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras, havendo somente alguma dificuldade em notar bem quais são as que concebemos distintamente.

DESCARTES. *Discurso do Método*. Tradução Enrico Corvisieri. Grupo Acrópolis. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2274](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2274)>. Acesso em: 17 out. 2008.

### Comentário sobre o texto

A Filosofia cartesiana do “eu penso” nos ajudará na construção do sujeito ético, pois a compreensão de nossas ações, bem como a construção de relações sociais de acordo com referências democráticas, por exemplo, exi-

gem reflexões que se fundamentam em nossa capacidade de cogitar, isto é, de questionar o que vivemos e o que desejamos viver. Por isso, você pode ponderar com os alunos a importância do uso do pensamento. No Ensino Médio, a Filosofia exige a habilidade da reflexão, que também é critério absoluto do agir ético.

O aluno consciente de sua capacidade e de sua necessidade de pensar pode exercitá-las, na medida em que aprende como fazer. A importância do “eu penso” cartesiano é uma tentativa de criar condições para o desenvolvimento racional do indivíduo ético.

### Atividade

Após a leitura do texto, você pode propor aos alunos a seguinte atividade para melhorar ainda mais a leitura: peça a eles que desenvolvessem, em casa e com suas palavras, algumas das principais ideias extraídas do texto de Descartes e sugeridas a seguir. Faça um sorteio dos itens entre os alunos, de modo que todas as ideias sejam analisadas – não importa que, algumas delas, por mais de um estudante:

- a) Com o desejo de alcançar a verdade procurei evitar tudo que apresentasse dúvida.
  - b) Rejeitei tudo o que era proveniente dos sentidos.
  - c) Rejeitei tudo que poderia vir dos raciocínios.
  - d) Rejeitei todos os pensamentos que tenho quando estou acordado e quando estou dormindo.
  - e) Quando eu pensava que tudo era falso, de uma coisa não conseguia ter dúvida, eu pensava.
  - f) Então há uma verdade que ninguém pode desacreditar, eu penso e por pensar eu existo (as coisas que não existem não pensam, na verdade não fazem nada).
  - g) “Eu penso, logo existo”, é o primeiro princípio da minha Filosofia.
  - h) Compreendi que minha essência é pensar.
- i) Tudo que parecer claro e distinto para meu pensamento existe, porque o meu pensamento é a certeza de todas as coisas.

### Dialogar

Como pensamos? Há várias maneiras de dividir as atividades do intelecto. Para efeito didático, escolhemos, da tradição filosófica, as seguintes: juízo, percepção e razão. A partir da ideia do “eu penso”, você pode pedir aos alunos que reflitam sobre seus pensamentos, segundo as funções intelectuais assim consideradas:

- ▶ **Juízo** – atividade intelectual de escolha, avaliação e decisão (Aristóteles, *Da Alma*, III, 495). Da pergunta fundamental – “Qual o critério ou a regra dos nossos juízos?” –, podemos derivar outras tantas, como: por que escolhemos isto e não aquilo? Por que achamos mais importante isto e não aquilo? Por que tomamos esta decisão e não outra?
- ▶ **Percepção** – Lembrando que percepção é o exame das sensações, podemos partir disso para conhecer o mundo. Por meio da percepção, nós não apenas ouvimos o som em uma festa, mas podemos compreender o ritmo, verificar se as pessoas estão felizes e enxergar seus movimentos de dança etc. Assim, as questões de caráter ético que podemos fazer agora são: como melhorar a percepção do mundo? Como sentir melhor e distinguir o que nos cerca? Por que um entendimento errado ou um mau juízo podem produzir tanto mal?
- ▶ **Razão** – Por meio da razão, que é lógica, nós temos a regra para os cálculos em nosso pensamento. O que julgamos, percebemos, lembramos e até imaginamos, em geral, podem obedecer às regras da lógica. Assim, a pergunta ética que podemos propor é: como aprofundar nossa racionalidade, visando a fazer o bem?

### Exercício – Como funciona?

O objetivo deste exercício é tornar a teoria mais próxima da vida dos alunos. Por isso, você pode apresentar o quadro a seguir e preencher apenas as partes sombreadas. Peça aos alunos

que preencham os quadros vazios com exemplos de seu dia-a-dia. Propomos que se apresentem pelo menos três exemplos para cada faculdade do intelecto, mas você pode decidir para mais ou para menos, inclusive alterando os temas.

Faculdades do intelecto	Futebol	Paquera	Entrevista de emprego
<b>Juízo</b>	Decidir para qual jogador passar a bola. Escolher a hora de driblar o zagueiro. Escolher com quem você quer jogar.	Decidir a hora certa de se aproximar da pessoa. Escolher o assunto para começar a conversa. Julgar se vai ou não ficar com essa pessoa.	Decidir com que roupa ir para a entrevista. Decidir a melhor maneira de cumprimentar o entrevistador. Julgar o que ressaltar no currículo.
<b>Percepção</b>	Tentar sentir o time adversário, se eles jogam bem, quais são suas estratégias, seus pontos fortes e suas fraquezas. Perceber como é o árbitro, se é exigente, se é justo, se é rápido. Sentir a vibração ou o descontentamento da torcida.	Sentir se a pessoa em quem você está interessado tem ou não interesse por outra pessoa. Sentir se, neste momento, a pessoa está preparada para o que você tem a dizer. Sentir se ficar com essa pessoa realmente vai ser legal.	Perceber qual a personalidade do entrevistador, se ele curte brincadeiras ou piadinhas. Sentir como é o clima da empresa, se é bom trabalhar lá ou não. Sentir se o entrevistador gostou do que você falou.
<b>Razão</b>	Como organizar todas essas informações. Montar uma estratégia com o time, de forma que todas as informações que temos nos ajudem a ganhar. Falar de forma clara para os atacantes; como eles devem se posicionar e qual é o esquema de jogo.	Como elaborar uma estratégia para conquistar a pessoa. Deixar claras as suas intenções. Saber articular as palavras, para não falar coisas que deixem a pessoa constrangida.	Deduzir o que realmente o entrevistador deseja. Não se mostrar confuso na hora de responder às perguntas. Mostrar que sabe articular as ideias e, assim, convencer o entrevistador sobre sua inteligência, merecendo, portanto, o emprego.

É importante que você realize uma leitura reflexiva do quadro com seus alunos. Para orientar esta reflexão, sugerimos algumas questões:

- ▶ Qual faculdade nos parece mais fácil de realizar? Por quê?
- ▶ Quais as nossas dificuldades em relação a cada uma delas: perceber, formular juízos e utilizar a razão para compreender, organizar, planejar e avaliar estas atividades?
- ▶ Entre o futebol, a paquera e a entrevista de emprego, o que nos parece mais difícil? Por quê?
- ▶ Qual dessas faculdades precisamos aprimorar?

Essa reflexão pode ter início em pequenos grupos, para garantir a participação de todos, e ser finalizada com a elaboração de uma síntese que contemple, por exemplo, as faculdades a ser aprimoradas pela maioria dos estudantes da turma.

### **Avaliação dos produtos da Situação de Aprendizagem**

Um produto importante desta atividade refere-se à síntese elaborada a partir da reflexão sobre o quadro das faculdades e situações (futebol, paquera e entrevista de emprego). Você pode considerar a participação dos alunos no processo de elaboração do quadro e da reflexão sobre ele e os registros de cada grupo ao responder às questões sugeridas. A síntese final também merecerá correção e comentários de sua parte, a ser divulgados para toda a classe.

Os alunos deverão: contribuir com a elaboração do quadro que relaciona faculdades

do intelecto e situações; manifestar hipóteses sobre as questões apresentadas pelo professor durante a análise do quadro; e apresentar registros de acordo com regras da língua portuguesa em sua norma culta, com coerência e adequação argumentativa.

### **Propostas de questões para avaliação**

1. O que quer dizer “eu sou um ser que pensa”?

*Espera-se que o aluno compreenda a importância do ato de pensar como determinante da condição humana.*

2. Explique como Descartes chegou à conclusão de sua existência.

*Espera-se que o aluno apresente os argumentos de Descartes, desde a dúvida metódica, quando se duvida da veracidade do corpo, do lugar e do raciocínio, até a construção do cogito (“Se duvido, eu penso; se penso, logo existo”).*

3. Releia o texto de Descartes com atenção e responda quais foram os argumentos apresentados pelo autor para afirmar que “todas as coisas que até então haviam entrado em meu espírito não eram mais corretas do que as ilusões de meus sonhos”.

*Espera-se que o aluno destaque a possibilidade de que nossos sentidos e nossos pensamentos nos enganam.*

4. Identifique quais textos a seguir se referem às faculdades do intelecto: juízo e percepção.



*A: juízo; D: percepção.*

*Com esta atividade, espera-se que o aluno desenvolva a capacidade de fazer uma leitura reflexiva de textos não filosóficos, inclusive relacionando informações representadas de diferentes formas, no caso a poética, a conceitos da Filosofia.*

### Proposta de Situação de Recuperação

Como o importante desta Situação de Aprendizagem é o exercício reflexivo a partir do *eu penso*, procure reler o texto filosófico com os alunos e refazer os exercícios sobre as funções do intelecto.

Outra possibilidade de recuperação é pedir aos alunos que elaborem um texto que apresente uma reflexão sobre suas dificuldades em relação a cada uma das faculdades do intelecto que foram analisadas.

### Recurso para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

#### Site

*Domínio Público*. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>. Acesso em: 17 out. 2008. Nesse *site*, você encontrará o texto completo que foi trabalhado nesta Situação de Aprendizagem.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 INTRODUÇÃO À ÉTICA

O grande desafio, nesta Situação de Aprendizagem, é fazer com que a Ética se torne um valor e uma operação cotidiana do raciocínio, ou seja, o objetivo aqui é fazer com que o aluno aprenda a exercitar a reflexão ética nas mais variadas situações de sua vida, individual e coletivamente.

Para isso, vamos iniciar o trabalho com um caso de espancamento ocorrido no Rio

de Janeiro (RJ), sobre o qual fizemos um resumo de diversas reportagens. Esse caso permitirá uma discussão sobre as diferenças entre moral e ética, possibilitando maior clareza sobre o objeto da reflexão ética e seus critérios. Como apoio, indicamos para leitura fragmento de um texto de Epicuro, filósofo que desperta a curiosidade dos alunos por causa de sua preocupação com a questão do prazer.

**Tempo previsto:** 3 aulas.

**Conteúdos e temas:** os conceitos básicos a ser desenvolvidos são ética, moral, critérios éticos, Sócrates, Aristóteles, virtude, Epicuro, hedonismo.

**Competências e habilidades:** para desenvolver esta Situação de Aprendizagem os alunos deverão recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

**Estratégias:** aulas expositivas e exercícios de leitura e reflexão.

**Recursos:** lousa e acesso ao texto para leitura.

**Avaliação:** durante a realização desta Situação de Aprendizagem a observação e as anotações a respeito da participação oral são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do caderno do aluno também são importantes para avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

## Sondagem e sensibilização

### Ouvir

Em geral, os alunos veem a ética como um amplo conjunto infindável de coisas que não

se deve fazer. Para sensibilizá-los sobre a importância da ética, como base para o convívio social, sugerimos que você trabalhe um fato recente, ocorrido no Rio de Janeiro, para o qual a mídia deu grande destaque. Você pode fazer a leitura ou pedir a um aluno que a faça.

### Cinco jovens de classe alta agredem doméstica

Uma empregada doméstica, de 32 anos, foi espancada e roubada, na manhã do dia 24 de junho de 2007, quando saía do seu trabalho. Os espancadores foram cinco jovens ricos, todos estudantes. Eles não apresentavam sinais de ter ingerido álcool ou outra substância química.

A mulher relatou à polícia que, por volta das 6h30, estava em um ponto de ônibus, perto do apartamento onde trabalha e mora, para ir a uma consulta médica. De repente, saindo de um automóvel, os cinco jovens começaram a xingá-la e chutá-la na cabeça e na barriga. Depois, roubaram sua bolsa, com seus documentos, 47 reais e um celular, que nem tinha sido completamente pago. Após a agressão, ela voltou ao prédio em busca de ajuda.

Um taxista, que estava próximo ao local do crime, anotou a placa do carro e notificou a polícia, que prendeu os jovens. Os agressores confessaram o crime, mas nada falaram sobre os motivos que os levaram a cometer o ato de crueldade.

Texto elaborado especialmente para este Caderno.

Após a leitura, peça aos alunos que respondam no caderno as questões a seguir, elaboradas com o objetivo de sensibilizá-los para a necessidade de aplicação de valores éticos na avaliação dos problemas sociais, sobre os quais todos nós temos responsabilidade:

- ▶ Como avaliar, a partir da ética, a agressão cometida pelos cinco jovens?
- ▶ Como considerar a atitude do taxista no episódio ao alertar a polícia? Você seguiria seu exemplo ou iria embora da cena do crime?

De posse das respostas dos alunos, você pode usá-las para abrir um debate com a sala, inclusive sustentado pelo conceito de ética apresentado a seguir.

Nesse caso, deve estar claro para os alunos que espancar uma mulher em um ponto de ônibus é algo muito errado. Pensamos em *errado* por ser uma palavra muito próxima da linguagem dos alunos, pois será com base nessa linguagem que estabeleceremos uma ponte com a linguagem filosófica.

Falando em “algo errado”, você pode lembrar aos alunos que, quando somos crianças e começamos a fazer brincadeiras, as pessoas adultas muitas vezes dizem: “Não faça isso; é errado”.

Proponha, então, o problema teórico.

Fazer determinada brincadeira é *errado* e espancar uma mulher, ou quem quer que seja, é *errado*. Embora sejam duas situações completamente diferentes, podemos usar a mesma palavra para as duas coisas. Então, afinal, o que é o errado?

Aprofundando a questão, você pode perguntar quantas vezes ouvimos que era errado o que fazíamos. *Quantas vezes nos disseram por que aquilo era errado?* Ora, nossa inteligência precisa desses elementos para poder julgar de maneira correta, pois somos seres que tiram certezas das explicações. Nossa inteligência se alimenta de respostas a perguntas como “Por que certas coisas são *erradas* e outras são *certas*?”.

Explique que, quando temos de refletir sobre o que fazer, como fazer e qual o valor das ações, nós estamos no campo da ética, que é uma *investigação* e uma *reflexão filosófica sobre o agir humano* e o seu valor. Como você sabe, existem várias definições que poderiam ser aqui usadas, mas optamos por uma que

possa ser facilmente trabalhada em sala de aula pelos adolescentes.

Procure lembrar a eles que, para Descartes, o ato de pensar é o que dá a certeza de tudo: o que parece claro ao pensamento, existe. De todo modo, o humano é um ser que pensa, mas há uma questão muito importante a ser sempre considerada: *Para que o ser humano usa seu pensamento?*, Ou ainda: *Para que usamos o nosso juízo, a nossa imaginação, a nossa percepção, a nossa memória e a nossa razão?*

## Roteiro para aplicação da Situação de Aprendizagem

### Diferença entre moral e ética

Pode parecer estranho perguntar o que é bom e o que é mau, mas, para a Filosofia, essas questões se colocam de maneira diferente. Nossa sugestão é que você proponha aos alunos uma discussão a respeito da diferença entre moral e ética, mesmo sabendo que não há unanimidade entre os filósofos sobre o tema. Para começar, é possível lembrar que a *moral* define o que é bom e o que é mau, antes das ações, e que a *ética* define o que é bom e o que é mau segundo as circunstâncias. Ambas seguem princípios de ação. Os princípios da moral são ideais, ou seja, objetivos a ser alcançados. Os princípios da ética são reflexivos, norteiam a reflexão na hora em que precisamos agir.

Para auxiliar a aula expositiva, você pode colocar o seguinte quadro na lousa.

Moral	Ética
<b>É o que já foi decidido: ela permite tudo, desde que não se desobedeça a princípios.</b>	<b>Tudo depende: ela permite tudo, desde que não se faça mal a ninguém.</b>
Correr nu pela rua é imoral, é vergonhoso.	Correr nu pela rua não será antiético se ninguém for prejudicado ou caso isso seja necessário para defender uma vida.
Não se pode roubar.	Será antiético se prejudicar alguém e se for feito sem ter a urgência de salvar uma vida.
Não se pode mentir.	Não será antiético mentir, por exemplo, se com isso você estiver salvando a vida de um inocente.
<b>São regras da vida.</b>	<b>São reflexões sobre como agir.</b>
Para ser moral, é preciso conhecer as regras morais.	Para ser ético, é preciso desenvolver a reflexão crítica.

Mas onde se aprendem as regras da moral? Nós aprendemos as regras da moral na cultura, em geral, nas religiões, nas leis, ouvindo ou conversando com pessoas que tenham mais experiência e conhecimento.

Onde se aprende a reflexão ética? Do ponto de vista da ética, saber o que é mau ou o que é bom depende da situação, mas isso não pode ser apenas uma interpretação pessoal: “Eu acho que é bom e pronto”. Afinal, os jovens que espancaram a mulher talvez achassem que estavam fazendo uma coisa correta.

Isso quer dizer que, para desenvolver a reflexão ética, temos de conhecer e aplicar critérios de escolha, que são uma espécie de regras do pensamento ético. Os critérios

não dependem do que as pessoas acham na hora que têm de decidir sobre o que fazer em determinada situação. Ao contrário, eles resultam de muitas reflexões, o que também explica o fato de cada filósofo apresentar critérios diferentes para decidir se as coisas são boas ou más, e quais os valores de cada uma dessas coisas.

Ora, cada filósofo desenvolveu seus critérios éticos a partir de sua própria visão de mundo. Para estudar isso, sugerimos que você trabalhe com três filósofos: Sócrates, Aristóteles e Epicuro. Como fizemos até agora, é importante que, para iniciar esse estudo, você apresente à classe uma pequena biografia de cada um deles, mostrando, em seguida, os critérios éticos que desenvolveram.

Filósofo	O que é o bem?	O que é o mal?
Sócrates	Conhecimento	Ignorância
Aristóteles	Felicidade	Desequilíbrio
Epicuro	Prazer	Mal

### 1. Os critérios de Sócrates

É importante apresentar alguns conceitos norteadores da filosofia de Sócrates, como, por exemplo, o de que a essência do homem é sua alma inteligente e que fazer o bem é conhecer essa alma inteligente.

Quando alguém relata uma situação de conflito, é comum dizer que tal pessoa “partiu para a ignorância”, não é mesmo? Mas o que significa isso? Não daria na mesma dizer que a inteligência da pessoa não foi suficiente para resolver seus problemas? Aqui, você tem condições de propor aos alunos que analisem suas experiências cotidianas e rememorem situações nas quais não refletiram o suficiente e tomaram decisões precipitadas.

### 2. Os critérios de Aristóteles

Como Sócrates, Aristóteles define o homem pela sua alma inteligente e, ao admitir que tudo tem uma finalidade, afirma que a fi-

nalidade do homem é a felicidade. Mas que felicidade seria essa? Podemos pensar a partir de um raciocínio bem simples: Qual é a *felicidade* de uma planta? Luz solar e água, por exemplo. Qual é a *felicidade* de um animal? Não sentir fome e poder viver em liberdade. E, por fim: Qual é a *felicidade* do homem? Desenvolver aquilo que tem de diferente em relação a todos os outros seres – a racionalidade. Para Aristóteles, a alma humana tem três partes: a *alma vegetativa*, com necessidades biológicas como as plantas; a *alma sensitiva*, com necessidades de sensações e movimento dos animais, e a *alma intelectiva*, com a necessidade de usar o pensamento. Se a alma tem três partes, então o homem tem de ser feliz nelas três, pois ninguém é feliz pela metade. Daí a importância do conhecimento e do raciocínio, responsáveis por evitar que haja exagero em qualquer uma das funções da alma. Em síntese, o critério de Aristóteles é o equilíbrio.

Neste quadro, estão as funções das partes da alma:

Alma vegetativa	Alma sensitiva	Alma intelectiva
<b>Funções biológicas</b>	<b>Funções de apetites, movimentos e sensações</b>	<b>Função racional</b>
Comer Dormir Reproduzir	Sensações físicas Fantasias e desejos Movimento	Pensar Raciocinar Conhecer

A felicidade completa do homem depende da realização de todas essas funções da alma. Mas, segundo uma ordem de importância, a alma intelectual, ou seja, a inteligência, deve governar todas as funções.

Além disso, como as pessoas vivem juntas, é função da alma treinar as virtudes, que são as boas práticas comuns do dia-a-dia. A palavra *virtude (areté)*, para Aristóteles, significa “hábito que torna o homem bom”. Seguindo esse raciocínio, temos de treinar as virtudes, ou melhor, disciplinar nossos hábitos, para nos tornarmos bons.

Para esclarecer melhor os alunos, você pode comparar o *treinamento* de virtudes a algumas regras de comportamento, por exemplo, lembrando que pessoas sem *treinamento* de boas maneiras, ao precisar demonstrá-las, acabam parecendo falsas, engraçadas ou até ridículas. Isso acontece, geralmente, em entrevistas de emprego ou na hora da paquera, quando

o nervosismo e a falta de experiência podem criar situações constrangedoras. Do mesmo modo que não se pode fingir ter boas maneiras, não adianta querer parecer bom, pois isso depende do *treinamento* das virtudes, que acabam se incorporando à alma da pessoa.

Para Aristóteles, então, a virtude, ou as práticas da busca da felicidade, têm de ser treinadas sempre para que não cometamos erros e prejudiquemos a nossa felicidade, que depende muito da nossa relação com as outras pessoas.

### Exercício

Para desenvolver um exercício que ajude a compreender os critérios de Aristóteles em relação ao equilíbrio, sugerimos a divisão da classe em seis grupos, aos quais será apresentado o quadro a seguir. Copie-o na lousa e preencha apenas as partes sombreadas, omitindo os conteúdos.

Vício por deficiência	Virtude (atitudes que levam à felicidade)	Vício por excesso
<b>Covardia:</b> ter medo de tudo ou deixar que o medo domine.	<b>Coragem:</b> saber enfrentar os medos e perigos, calculando a hora de agir.	<b>Temeridade:</b> não ter medo de nada e se arriscar em todas as situações de perigo.
<b>Insensibilidade:</b> não desejar nada e ser insensível.	<b>Temperança:</b> saber usar os prazeres sem se prejudicar.	<b>Libertinagem:</b> viver somente atrás de prazeres.
<b>Avareza:</b> jamais gastar o dinheiro e querer guardar sempre o que tem, além de ganhar mais.	<b>Liberalidade:</b> saber gastar o dinheiro, escolhendo com o que gastá-lo.	<b>Esbanjamento:</b> nunca economizar com nada, gastar sem pensar.
<b>Vileza:</b> nunca usar nada bonito – roupa, por exemplo – e criticar os outros por isso.	<b>Magnificência:</b> saber usar coisas bonitas.	<b>Vulgaridade:</b> exagerar nas coisas bonitas.
<b>Modéstia:</b> achar que é menor que os outros, ou mais feio, ou errado.	<b>Respeito próprio:</b> reconhecer seus defeitos e suas qualidades e não deixar as pessoas diminuírem sua auto-estima.	<b>Vaidade:</b> preocupar-se apenas com sua grandiosidade e jamais aceitar seus defeitos.

Vício por deficiência	Virtude (atitudes que levam à felicidade)	Vício por excesso
<b>Indolência:</b> nunca fazer nada para si e para os outros, procurando só o que é mais fácil.	<b>Prudência:</b> saber a hora e como agir para alcançar seus objetivos.	<b>A ambição:</b> ir atrás de suas coisas, sem pensar em nada.
<b>Indiferença:</b> ignorar as pessoas completamente.	<b>Gentileza:</b> ser agradável com todas as pessoas, conter a raiva.	<b>Irascibilidade:</b> deixar que as emoções tomem conta, a ponto de ser violento com as pessoas, nas palavras e nas ações.
<b>Descrédito próprio:</b> Não se achar bom em nada.	<b>Veracidade:</b> ser verdadeiro e receber crédito por isso, conhecer seus limites, saber que é bom em alguma coisa e que não é bom em outras.	<b>Orgulho:</b> achar-se melhor do que os outros, nunca aceitar que precisa dos outros.
<b>Rusticidade:</b> nunca usar a inteligência para viver, agindo sempre por instinto.	<b>Agudeza de espírito:</b> saber usar a inteligência de modo brilhante.	<b>Zombaria:</b> humilhar quem não tem habilidades intelectivas.
<b>Enfado:</b> ser chato, pesado, incapaz de dizer uma coisa boa para as pessoas.	<b>Amizade:</b> saber se relacionar com as pessoas por meio do afeto e da inteligência.	<b>Condescendência:</b> querer ser amigo de todos, perdoar tudo de todos, nunca ver maldade nos outros.
<b>Desavergonhado:</b> mostrar tudo o que tem a ponto de não sobrar nada para si.	<b>Comedimento:</b> saber como se mostrar para os outros.	<b>Timidez:</b> ter medo de mostrar seus sentimentos e seus pensamentos para os outros.
<b>Malevolência:</b> não se importar com a maldade e usá-la a seu favor.	<b>Justa indignação:</b> saber quando uma coisa está certa ou errada.	<b>Inveja:</b> não aceitar que as pessoas tenham sucesso.

Depois de apresentar o quadro de *virtudes*, divida seu conjunto entre os grupos, abrindo uma discussão sobre as virtudes e os vícios correspondentes. Tente fazê-los falar sobre exemplos do cotidiano, sem expor nenhum colega de sala ou pessoa conhecida da classe, como os demais professores, o diretor ou o dono da cantina, por exemplo. Depois, como tarefa individual, a ser feita em casa, solicite um pequeno texto sobre o bom (ou o mau) uso de uma virtude ou vício.

## Ler

### 3. Os critérios de Epicuro

Para esta aula, sugerimos a leitura de um texto filosófico de Epicuro, recomendando que você retome a biografia elaborada no início do bimestre, com o que é possível aproximar os alunos do pensador, despertando curiosidade para conhecê-lo melhor. Se achar interessante ou possível, peça sempre aos alunos que façam pequenas pesquisas sobre o autor e sua obra, valorizando sua autonomia nos estudos, a partir – claro – de sua orientação.

**I.** Aquele que dispõe de plenitude e de imortalidade não tem inquietações, nem perturbam os outros; por isso está isento de impulsos de cólera ou de benevolência, já que tudo isso é próprio de quem tem fraquezas.

**II.** A morte nada é para nós. Com efeito, aquilo que está decomposto é insensível e a insensibilidade é o nada para nós.

**III.** O limite da amplitude dos prazeres é a supressão de tudo que provoca dor. Onde estiver o prazer e durante o tempo em que ele ali permanecer, não haverá lugar para a dor corporal ou o sofrimento mental, juntos ou separados.

**IV.** A dor contínua não dura longamente na carne. A que é extrema permanece muito pouco tempo e a que ultrapassa um pouco o prazer corporal não persiste muitos dias. Quanto às doenças que se prolongam, elas permitem à carne sentir mais prazer do que dor.

[...]

**VIII.** Nenhum prazer é em si mesmo um mal, mas aquilo que produz certos prazeres acarreta sofrimentos bem maiores do que os prazeres.

**IX.** Se todo prazer pudesse ter se acumulado, não só persistindo no tempo, mas também percorrendo a inteira composição do nosso corpo, ou pelo menos as principais partes de nossa natureza, então os prazeres não difeririam entre si.

[...]

**XVII.** O justo desfruta de plena serenidade; o injusto, porém, está cheio de maior perturbação.

**XXIII.** Se combates todas tuas sensações, nada disporás de referência nem mesmo para discernir corretamente aquelas que julgas deverem ser rejeitadas.

[...]

**XXVII.** De tudo aquilo de que dispõe a sabedoria para a felicidade de toda nossa vida, de longe o mais importante é a preservação da amizade.

EPICURO. *Máximas principais*. Tradução João Carlos K. Martin de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2009. (Clássicos da Filosofia).

Para Epicuro, como se pode entender pelos excertos apresentados, o prazer é o princípio ético da vida; seu critério para o que é o bem é o prazer, e o seu critério para o que é o mal é a dor. É a partir disso que devemos fazer escolhas para não sofrermos, cabendo à razão orientar as nossas escolhas. Segundo o filósofo, somos seres formados por átomos, sendo a morte apenas uma separação dos átomos; nada mais. Por isso, ele pensava que a vida deveria ser agradável. Todos os prazeres são bons, embora uns sejam melhores do que outros. Mas

como saber qual é o melhor prazer? A partir da ideia de que, ao fim de cada prazer, existe uma dor, e ao fim de cada dor existe um prazer, devemos escolher os prazeres que duram mais, pois estes afastam por mais tempo as dores.

Epicuro fez, ainda, recomendações precisas sobre como chegar à felicidade:

1. “Não tenha medo dos deuses.” Os deuses são felizes, e seres felizes não estão preocupados com a vida dos outros.

2. “Não tenha medo da morte.” A morte nada mais é do que a separação dos átomos.
3. “O prazer está à disposição de todos.” Ele é o fim das dores e o sossego.
4. “O mal dura pouco.” O mal é a dor e dura pouco; o máximo que ela pode fazer é levar à morte, que, no fundo, é nada. Quando a dor termina, começa o prazer.

### Exercício

O que pode acontecer depois? Sugerimos, agora, que você oriente os alunos a analisar as reflexões de Epicuro, que sugeriu, a cada desejo, duas questões: O que acontecerá caso ele se concretize? E se não se concretizar? Em seguida, peça que identifiquem um desejo e preencham o quadro, no qual apresentamos alguns exemplos. O exercício pode ser feito em sala ou em casa, para discussão na aula seguinte.

Qual é o desejo?	Qual é o caminho?	O que vai acontecer depois que ele for realizado?	O que vai acontecer se ele não for realizado?
<b>Emagrecer</b>	Regime e exercícios. Vou gastar tempo e me cansar muito.	Vou me sentir mais bonito e mais saudável. Vou ter menos problemas de saúde. Vou ter de trocar minhas roupas.	Vou me sentir menos bonito e vou ter problemas de saúde.
<b>Aprender Matemática</b>	O caminho é estudar muito. Vou ter de deixar de fazer algumas coisas de que gosto, como assistir à TV, ouvir música e passear.	Vou melhorar minhas notas e minha velocidade de raciocínio.	Vou ficar com notas baixas e perder a oportunidade de me desenvolver nos estudos.

### Avaliação dos produtos da Situação de Aprendizagem

Ao analisar os cadernos dos alunos, procure observar o progresso da reflexão ética a partir dos exercícios trabalhados em sala ou extraclasse.

#### Propostas de questões para avaliação

1. Qual é a diferença entre moral e ética?

*É necessário que os alunos percebam que ética é uma reflexão sobre o agir, cuja responsabilidade cabe ao indivíduo pensante,*

*ou seja, ele mesmo. Quanto à moral, o fundamental é que seja definida em razão de seu aspecto normativo.*

2. O que são e para que servem os critérios da ética?

*Espera-se que o aluno responda que critérios éticos resultam de reflexões sobre o modo de agir humano, das quais resultam indicações para orientar a conduta.*

3. Assinale a alternativa correta que indica o critério ético de Aristóteles:

- a) prazer.
  - b) dor.
  - c) equilíbrio.**
  - d) leis.
  - e) desejo.
4. Escolha uma entre estas palavras – razão, emoção, prazer, morte ou conhecimento – para preencher a frase correspondente:

- a) É importante que a conduta do homem seja orientada pela razão.
- b) Para Epicuro, o prazer é o fim da dor.
- c) O critério ético de Sócrates era o progresso no conhecimento.
- d) A emoção é uma função da alma sensitiva, segundo Aristóteles.
- e) Um dos remédios para a felicidade de Epicuro consiste em não temer a morte.

5. Preencha o quadro a seguir:

Filósofo	O que é o bem?	O que é o mal?
Sócrates	Conhecimento	<b>Ignorância</b>
Aristóteles	<b>Virtude</b>	Desequilíbrio
<b>Epicuro</b>	Prazer	Dor

### Proposta de Situação de Recuperação

Os alunos que eventualmente não apresentarem resultados correspondentes às expectativas de aprendizagem aqui apontadas deverão reler, sob sua orientação, os textos de apoio indicados e refazer as atividades propostas, as quais poderão ser modificadas em função das dificuldades detectadas.

### Recurso para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

#### Filme

*Filosofia: um guia para a felicidade.* Brasil. TV Escola. Os vídeos desta série podem servir de apoio às discussões sobre a construção dos critérios éticos, apresentando, de forma didática, as ideias de vários filósofos, inclusive daqueles aqui trabalhados.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 A LIBERDADE

O tema da liberdade é uma questão ética por excelência, constituindo questão fundamental para ser trabalhada na faixa etária dos alunos matriculados no Ensino Médio. Compreender o elevado sentido da liberdade, identificar seus limites e defender sua necessidade para a plena realização da condição humana

constitui passo fundamental no caminho da construção da cidadania, em geral, e no desenvolvimento da consciência de cada aluno, em particular.

Para iniciar esta Situação de Aprendizagem, você pode retomar o material de impen-

sa já utilizado, novamente tratando o episódio em pauta, mas sempre orientando a discussão de modo a evitar o sensacionalismo que, fre-

quentemente, caracteriza grande parte do noticiário escrito e, principalmente, televisivo, quando tratam de temas dessa natureza.

**Tempo previsto:** 7 aulas.

**Conteúdos e temas:** conceito de liberdade em Jean-Paul Sartre.

**Competências e habilidades:** o objetivo desta Situação de Aprendizagem é estimular o exercício e o desenvolvimento de habilidades como a compreensão da dinâmica da liberdade e seu exercício solidário. Por meio desta proposta, procura-se incentivar o desenvolvimento de competências relacionadas à sistematização de ideias e sua diferenciação, por meio da leitura filosófica, de outros tipos de textos, além de valorizar o exercício da pesquisa investigativa.

**Estratégias:** aulas expositivas, exercícios de reflexão e leitura, exibição de filme.

**Recursos:** lousa e texto para leitura. Além disso, equipamento para a projeção de filme.

**Avaliação:** como toda a tarefa é realizada em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação oral são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do caderno do aluno são fundamentais para avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

## Sondagem e sensibilização

### Diálogo e escrita – A vontade

Desde o tema anterior, você vem trabalhando com os alunos o critério socrático para ética, ou seja, o conhecimento. Além disso, analisou algumas possibilidades do uso da razão para podermos escolher o que é bom. Agora, o que propomos é desdobrar a questão, visando a aprofundar ainda mais as discussões.

Inicialmente, você pode lembrar aos alunos que a construção de um mundo melhor necessita do uso da razão, o que nos leva a perguntar: O que impede a solidariedade, o que impede o respeito generalizado no interior da humanidade?

Com esse questionamento, você pode organizar um debate. Comece, com a classe dividida em pequenos grupos, organizando as hipóteses que serão debatidas por todos.

O texto a seguir pode ajudar na orientação desse debate.

### Para a reflexão

#### 1. Destino e determinismo

A ideia de *destino* significa que o homem não pode escolher para onde vai, ou até o que fazer, mesmo que seja contra a sua vontade. Algo fora dele decidirá, e não há nada que ele possa fazer para mudar seu futuro ou alterar seu presente. Essa ideia tem caráter religioso e pode-se dizer que foi introduzida na Filosofia pelos estoicos. Para eles, havia uma *causa necessária* para tudo, ou seja, o mundo inteiro segue certas leis, as quais obrigam as pessoas a agir e morrer sem poder decidir por si.

Essa ideia de *causa necessária*, posteriormente aplicada à ciência, significa que tudo tem uma causa e um efeito; o destino de tudo já foi decidido pelo seu passado, ou melhor, pela sua causa.

Entretanto, muitos filósofos não admitem a existência do destino, embora cheguem a concordar que as pessoas fazem escolhas condicionadas, que resultam de determinações, pois haveria vários e pequenos motivos que acabaram por criar o ocorrido.

## 2. Liberdade

Pensar sobre o destino pode ser problematizado com perguntas sobre nossa liberdade:

- ▶ Temos liberdade para agir sempre de acordo com o bem? O nosso bem e o bem do outro?
- ▶ Quais são os limites para a nossa liberdade?

Ora, se não houvesse liberdade, seríamos incapazes de mudar a própria vida e tudo dependeria do que está fora de nós. Mesmo reconhecendo a existência de vários elementos que poderíamos chamar de *causas* e de limitações para nossa liberdade, cabe ao homem analisar tais limitações e buscar formas de superá-las.

Após essa apresentação, você tem um bom momento para pedir aos alunos que escrevam um texto a respeito do uso da liberdade, a partir, por exemplo, da questão *Quais os limites que encontro para minha liberdade?*, ou ainda, *Como tenho superado certas limitações que impedem o meu agir com liberdade?*

### Limites da liberdade

A elaboração desse texto pode ajudar os alunos a pensar de forma mais aprofundada a questão da liberdade, o que faremos a seguir.

Para facilitar a atividade, dividimos os elementos formadores da liberdade em vários itens. Cada item permite discutir uma situação da vida, na qual os alunos terão a necessidade de pensar os limites e as possibilidades de sua liberdade. Em seguida, transcreva na lousa o quadro abaixo e peça que o copiem no caderno e preencham, o mais resumidamente possível, os espaços em branco (no máximo, cinco linhas do caderno para cada item).

Condições	Os limites – O que não se consegue fazer?	As possibilidades – O que se consegue fazer?
Idade		
Saúde		
Espaço		
Sua condição econômica		
Seus conhecimentos		
Seu convívio com outras pessoas		
Imaginação e projetos		
Trabalho		
Estudos		

A seguir, veja alguns comentários a respeito dos itens do quadro.

- ▶ **Idade:** neste item, o critério não é partir do ponto de vista de lei (maioridade ou minoridade civis), mas em relação ao que se faz cotidianamente. Por exemplo, há filmes proibidos para menores de 16 anos, mas muitos adolescentes de 14 anos conseguem assisti-los de madrugada, sem que os pais se importem. O que um menino de 16 anos consegue fazer é diferente do que um menino de 8 anos, ou do que um homem de 80 anos consegue, inclusive do ponto de vista da força física.
- ▶ **Saúde:** em relação a este item, o raciocínio é o mesmo. Por exemplo, se o aluno tem problemas nos joelhos, talvez não consiga praticar esportes e use o tempo para estudar Matemática.
- ▶ **Espaço:** a relação com o espaço também garante possibilidades e limitações. O que se pode fazer e o que não se pode fazer nos lugares por onde andamos, moramos, estudamos ou trabalhamos.
- ▶ **Condição econômica:** este é um forte instrumento analítico para pensar a liberdade de escolha. Isso não quer dizer que os alunos mais pobres tenham menos liberdade, mas sim que tenham menos opções materiais, por exemplo.

Enfim, com isso, pretendemos levar o aluno a entender os condicionantes da liberdade em relação às opções de escolha. Entretanto, você deve alertá-los para o fato de que ter muitas opções nem sempre significa ter muita liberdade, pois é preciso levar em conta a intensidade existencial aplicada às opções e escolhas. Por exemplo, um menino pobre pode não ter um aparelho de DVD em casa, mas, a cada vez que ele consegue assistir a um filme, sua emoção pode ser mais profunda do que a experimentada por outro garoto que tenha acesso ilimitado ao acervo de locadoras. Em resumo, é importante que os estudantes percebam que,

embora a liberdade passe pelo aspecto econômico, este não é absolutamente determinante.

- ▶ **Conhecimentos:** podem oferecer valiosos recursos para a realização da liberdade, pois dotam melhor o indivíduo para que ele se relacione com o mundo. Insista com os alunos que a ignorância aprisiona as pessoas, ao passo que saber escolher melhor os caminhos, saber tocar um instrumento musical, saber escrever uma boa redação, tudo isso, por exemplo, oferece ao indivíduo que tem conhecimentos mais condições de escolha, se comparado àquele que sabe pouco.
- ▶ **Convívio com outras pessoas:** este também é um espaço valioso para pensar a liberdade. No caso da família, por exemplo, diferenciar o que se pode ou não fazer quando se é menino ou menina: quem tem mais direitos (e quais)? Quem tem mais obrigações (e quais)? Como diferenciar as normas de namoro para meninos e para meninas? É preciso lembrar, ainda, que podemos encontrar amigos que ajudam nosso desenvolvimento, incentivando-nos a crescer e a sermos mais livres.
- ▶ **Imaginação e projetos:** aqui, a liberdade encontra uma valiosa fonte de forças. Mesmo que os nossos sonhos, as coisas que imaginamos e os nossos projetos nos obriguem a várias renúncias, é pela imaginação que temos a construção primeira da nossa realização como seres livres. É ela que nos permite ir a lugares que ninguém pode nos proibir, ajudando a antecipar os resultados de nossos projetos e incentivando-nos a desenvolvê-los.
- ▶ **Trabalho:** agora, qual seria a relação do trabalho com a liberdade? Para tratar da questão, é preciso considerar o local de trabalho, o cansaço que ele provoca, o tempo que se leva para chegar até ele, os horários a serem cumpridos etc. Além disso, o salário que se ganha permite o desenvolvimento do trabalhador ou só serve para sua sobrevivência?

- **Estudos:** se o conhecimento é o caminho da liberdade, o estudo é a fonte. O que você vai conseguir fazer com os seus estudos: ler melhor, escrever melhor, falar melhor, arrumar um emprego? O que mais? E quanto às limitações do estudo, o que você deixa de fazer para estudar?

Agora, mais uma vez, é importante lembrar a liberdade que você, professor, tem para acrescentar outras categorias e modificar as sugeridas. Mas é necessário acompanhar os alunos durante o processo de preenchimento do quadro, provocando-os filosoficamente, pois, nossa maior honra, como professores de Filosofia, é ouvir, mesmo em forma de reclamação: “Você faz a gente pensar muito!”.

### Ler – A liberdade de fazer-se

Continuando o assunto da aula anterior, e encaminhando para a compreensão da construção de si, você pode apresentar aos alunos uma leitura filosófica, para o que recomendamos a retomada da biografia de Jean-Paul Sartre, usada no início do bimestre. Depois disso, consulte, e se achar apropriado, disponibilize aos alunos trechos da obra *O existencialismo é um humanismo*.

### Comentários sobre a obra

Para Sartre, a liberdade não se resume ao que podemos escolher. Ela se dá pela invenção de possibilidades. Nós podemos inventar nossas opções. Mas isso acontece, sobretudo, quando inventamos a nós mesmos. Se recordarmos John Locke, ele pressupunha que todos nós nascemos vazios, mas com nossas experiências podemos adquirir o conhecimento e, portanto, tornamo-nos alguma coisa.

A mais profunda liberdade é poder escolher o que somos e não apenas o que fazemos. Nós escolhemos um projeto para nós mesmos, o que Sartre chama de *compromisso*.

Nós nos comprometemos com nossos valores, gostos, sonhos, desejos e projetos. Sobre o que somos e o que seremos, nós decidimos. A razão disso tudo é a liberdade, que nos permite tornar um tipo de pessoa, voltar atrás ou mudar para outra direção.

A liberdade exige cada vez mais liberdade, liberdade de ser o indivíduo que queremos – bons, felizes, tristes, inteligentes, cultos, esportistas, verdadeiros, fingidos, torcedores fanáticos de um time de futebol, mães solteiras etc. Liberdade de escolha – mesmo com limites, a partir da nossa vida, nós decidimos a criação de uma outra vida para nós. Podemos sempre repetir: “Não importa o que fizeram de mim, o que importa é o que eu faço com o que fizeram de mim”.

Mas ninguém é livre sozinho. Para nos fazermos e refazermos, precisamos de outros com as mesmas possibilidades. É a liberdade dos outros que garante a nossa liberdade. Imagine se ninguém fosse livre a não ser você; seria como um jogo de futebol em que todos os demais jogadores estivessem presos ao chão. Que gosto teria jogar sozinho, sem ter alguém para comemorar ou entristecer-se conosco, partilhando conquistas e derrotas?

Quanto mais livres são os outros, mais livres nós somos. Cada um, com sua liberdade, pode inventar a si mesmo e, assim, reinventar o mundo, as cidades, os grupos, lembrando, sempre, que a violência entre os homens começa quando alguém não respeita a liberdade do outro.

### Exercício

No quadro da aula anterior, o aluno pôde construir uma imagem da sua própria liberdade. Agora, para ajudá-lo a refletir sobre como pode melhorar sua liberdade, retome o quadro preenchido e peça a ele que crie estratégias para superar os limites da sua liberdade, discutindo-as depois em sala.

### Atividades de pesquisa

Para estas aulas, você deve usar matérias de imprensa, de preferência, escritas (revistas e jornais), selecionadas em casa pelos alunos. A pesquisa deve buscar **duas** reportagens em que a liberdade das pessoas aparece respeitada e **duas** em que essa liberdade é reprimida ou ignorada. Peça que recortem as matérias e cole no caderno. Caso algum aluno selecione reportagem de TV, oriente-o a escrever um pequeno resumo sobre ela.

Em sala, os alunos devem apresentar o assunto jornalístico, discuti-lo e analisar as razões que os levaram a selecionar aquela matéria. Ao final, peça que emitam um julgamento sobre como transformar o respeito à liberdade em prática constante. Lembre, ainda, que esta é uma boa maneira de ajudá-los a desenvolver a habilidade para leitura de textos diversos de uma maneira filosófica.

### Projeção de filme

Para esta aula, você pode projetar o filme *Efeito Borboleta* (direção de Eric Bress e J. Mackye Gruber, 2004), que trata de um jovem dotado do poder de voltar ao passado, mas que – ao tentar modificar a sua história – acaba criando novas situações no futuro. O objetivo da apresentação do filme, além de propiciar a frequência a uma manifestação cultural importante, é dar subsídios aos alunos para uma reflexão sobre as consequências das ações humanas.

Outra possibilidade é a projeção de um dos filmes da trilogia *De volta para o futuro* (direção de Steven Spielberg, 1985, 1989, 1990) ou, então, de *Minority Report – A nova lei* (2002), do mesmo diretor.

Antes de começar a exibição, peça aos alunos que assistam ao filme com o caderno e

com a caneta em mãos, anotando dados para responder às seguintes questões:

- ▶ Nomear e descrever, sucintamente, os principais personagens, com vistas a captar os traços essenciais de sua personalidade.
- ▶ Nas passagens que mais chamam a atenção dos alunos, eles devem tentar reter algumas frases essenciais (oriente-os a se preocuparem mais com o sentido delas do que com sua transcrição literal).
- ▶ Recolher dados para descrever, no caso do personagem principal, qual sua capacidade especial e quais as consequências de suas atitudes?

Ao final da projeção, peça que exercitem a imaginação e escrevam em casa um pequeno texto (15 a 20 linhas), indicando qual a principal mudança que imprimiriam à própria vida, caso pudessem voltar ao passado. Esse texto servirá de base para as discussões da aula seguinte.

### Discussão sobre o filme e o trabalho extraclasse

Esta aula será dedicada à discussão de questões inspiradas pelo filme escolhido. Comece lembrando o conteúdo da obra, investigando como ele foi absorvido pela classe. Em seguida, peça a cada aluno que leia, em voz alta, o texto sobre sua “viagem ao passado” e as mudanças que tentariam fazer em relação ao futuro. O objetivo central é estimulá-los a refletir sobre as consequências de suas atitudes em relação ao presente e, principalmente, ao futuro.

### Avaliação da Situação de Aprendizagem

O objetivo desta Situação de Aprendizagem foi levar os alunos a refletir sobre a liberdade. Quanto à avaliação do aprendizado, você poderá baseá-la tanto nas discussões em sala quanto na

leitura dos textos escritos. É importante – sempre – verificar aspectos relacionados às atitudes de cada um em relação ao trabalho realizado.

Analise o caderno e os textos produzidos sobre o tema liberdade e a partir da projeção e discussão do filme.

### Propostas de questões para avaliação

1. Existem limites para a liberdade? Exemplifique.

*Esta questão trata dos limites da liberdade e o que se espera como resposta são exemplos, como os do quadro já apresentado neste Caderno.*

2. Registre um exemplo de situação cotidiana na qual uma condição de limitação à liberdade individual de um jovem foi superada por ele, de modo a favorecer uma atitude que não somente o beneficiou, mas também os colegas de sua turma na escola.

*Espera-se que seja relatada uma situação que demonstre a complexidade da cultura escolar no interior da qual os jovens precisam aprender a lidar com limites e afirmações de sua identidade.*

3. Assinale as atitudes que podem aumentar a nossa liberdade.

- a) Estudar e estimular a nossa imaginação.
- b) Criar um plano em que a moral possa ficar de fora.
- c) Refletir sobre nossa vida.
- d) Diminuir a liberdade dos outros.
- e) Pensar em um projeto para nossa vida.

### Proposta de Situação de Recuperação

Como recuperação, você pode reler os textos com os alunos e refazer os exercícios. O objetivo central para a recuperação é a compreensão do conceito de liberdade.

### Recurso para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema

#### Livro

COX, Gary. *Compreender Sartre*. São Paulo: Vozes, 2007. Livro que nos aproxima da Filosofia de Sartre, aprofundando seus conceitos.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4 AUTONOMIA

Neste bimestre, você trabalhou com os alunos temas e conteúdos que podem levá-los a desenvolver a capacidade de se perceberem, sempre, como seres que pensam. Em seguida, mostrou-lhes que há critérios de escolha para todas as ações humanas e, finalmente, discutiu a liberdade como conceito e prática de vida.

Agora, neste quarto momento do bimes-

tre, você poderá desenvolver nos estudantes a capacidade de pensar a *autonomia*, entendida como uma espécie de legislação particular do indivíduo, ou seja, as normas de conduta que ele cria para si mesmo. Já que todos podemos escolher sempre, é importante fazermos a constante reflexão sobre nossas regras pessoais: como podemos criá-las e com base em quais critérios?

**Tempo previsto:** 2 aulas.

**Conteúdos e temas:** os conceitos básicos para ser desenvolvidos são autonomia, heteronomia, Kant, imperativos hipotéticos e imperativos categóricos.

**Competências e habilidades:** o objetivo geral desta Situação de Aprendizagem é o desenvolvimento das habilidades de leitura, pesquisa, escrita e organização de ideias de modo investigativo, relacionados à construção da autonomia. O que se procura com esta proposta é incentivar o desenvolvimento de competências que possibilitem a construção de normas éticas, a partir da reflexão.

**Estratégias:** aulas expositivas e exercícios de reflexão e leitura.

**Recursos:** lousa e giz.

**Avaliação:** observação da participação e da organização do caderno.

## Sondagem e sensibilização

### Diálogo – Normas da vida

Em todos os lugares, existem sempre muitas normas, disciplinando quase tudo. Algumas são escritas; outras nem sequer são faladas. Em geral, essas normas foram feitas a partir da organização dos espaços, segundo a vontade de quem conduziu essa organização.

A escola, por exemplo, está cheia de regras, e você pode aproveitar esse ambiente para discutir o tema. São normas que vão do uso do boné ao uso do banheiro; normas sobre a preservação do silêncio quando o professor está falando, normas que proíbem a “cola” na prova, além de muitas outras. Em casa, também, há muitas regras, como as que disciplinam o uso da TV e do som, as que exigem respeito à limpeza do lar, as que orientam a distribuição de tarefas e responsabilidade domésticas. Até entre os amigos deve haver normas que possam preservar o respeito mútuo e a amizade, ou que recomendem tratar com discrição as atitudes e os familiares deles, por exemplo.

Bem antes de nascermos, já somos submetidos a normas, inclusive criadas longe de nossa cidade ou nosso país. Por exemplo, aprende-

mos nas aulas de História que o Estado brasileiro, de constituição tripartite, inspira-se num modelo criado na Europa há muitos anos. É importante perceber que, embora nem sempre as regras ajudem todas as pessoas, elas são necessárias para o convívio social e a valorização da vida e da dignidade.

As normas são criadas pela influência dos costumes das sociedades ou por quem detém a autoridade. Nem sempre, porém, essas leis são capazes de nos orientar em nossas escolhas. É como se ficassem um passo atrás da nossa vida e não conseguissem resolver todos os problemas que temos, individual e coletivamente. Às vezes, até mesmo a obediência a uma lei ou a uma norma pode significar a perda de uma vida, como acontece nos Estados Unidos, onde a pena de morte – vigente em muitos Estados – autoriza a execução de criminosos. Tal norma que pode levar a erros irremediáveis, como aconteceu, por exemplo, em 1989, quando Carlos De Luna foi executado, não existindo até hoje qualquer prova científica que possa ligá-lo ao crime que teria cometido, acreditando-se em sua inocência. Mas o que fazer se não é possível corrigir o erro?

Cada norma visa a defender um interesse. Existem normas que procuram proteger

a vida humana, enquanto outras visam a defender o lucro inescrupuloso, como acontece, por exemplo, com o tráfico de drogas, cujas regras – não escritas – ofendem a dignidade das pessoas, sem qualquer respeito pela vida delas e pela sociedade em geral, muitas vezes comprando segurança aos marginais à custa de pequenos favores à comunidade.

### As regras dentro de nós

Além disso, há regras dentro de nós mesmos, criadas pelas nossas necessidades e pelos nossos desejos. Temos necessidade de comer, beber, dormir, se divertir, passear, conhecer coisas novas etc. Os desejos, em geral, partem das nossas necessidades, mas podem extrapolá-las, criando necessidades que nem sempre são boas. Por exemplo, temos necessidade de ter um calçado que não faça mal à saúde dos pés e das costas, mas há quem gaste todo o dinheiro do mês em um tênis de marca. Tudo isso extrapola a necessidade da vida, tornando-se uma necessidade somente do desejo, o que quer dizer que o desejo pode produzir normas de conduta pouco inteligentes ou até cruéis.

Quando obedecemos apenas a leis ou a normas que procedem dos desejos ou da necessidade, vivemos na *heteronomia* (hetero = de fora; nomia = norma), quando as normas são produzidas em lugares diferentes da nossa razão, e é justamente a razão que tem a capacidade de produzir normas que nos permitem viver nossa liberdade.

### A razão e as normas

Quando a razão procura normas para o bem das pessoas fora do lugar das decisões individuais, chamamos a isso de política, ou seja, normas que devem ser boas para todos. Quando a razão procura normas boas para as decisões pessoais, chamamos a isso de ética.

Mas e o conhecimento? Qual é sua capacidade de ajudar na criação de normas, dentro e fora de nós? Para começar a perceber essas relações, é importante entendermos a necessidade de desenvolver nossa inteligência, pois só assim podemos atingir o “eu penso”, ou seja, *nós mesmos*. Entretanto, o “eu penso” é limitado, porque a razão é limitada. Ela não entende todas as coisas que experimentamos, independentemente de termos de tomar decisões sobre elas. Além disso, se temos desejos que nos fazem sofrer e paixões que nem sempre sabemos controlar, onde a razão vai encontrar a solução?

### A autonomia

Relembrando a biografia de Immanuel Kant, podemos dizer que ele sabia que a *razão pura*, dotada só de ideias e categorias, é limitada. Por isso, existe a *razão prática*, que procede da experiência e cria normas para nós mesmos, sendo capaz de criar regras para as situações da vida que envolvam sentimentos, desejos e outras pessoas.

Quando a razão cria normas pensando a partir de nós mesmos, em nossas necessidades, desejos e todos os seus limites, chamamos a isso de autonomia, que é a capacidade de criar e obedecer as regras que inventamos para nós mesmos (auto = para si; nomia = norma).

Mas como criar normas para nós mesmos que sejam justas? A resposta pode ser simplificada da seguinte forma: precisamos encontrar os *imperativos*, que nada mais são do que normas sem conteúdo, que servem para o indivíduo e para todo mundo. A regra é simples: o que é justo para mim deve ser justo para todos. Existem dois tipos de imperativos, a saber, os *imperativos hipotéticos*, que organizam nossa vontade para conseguir objetivos, e os *imperativos categóricos*, que produzem o bem por meio da ideia de dever.

## Exercício

1. Este exercício tem por objetivo a prática da reflexão crítica a respeito dos imperativos hipotéticos. Você pode pedir aos alunos que anotem dois objetivos pessoais quaisquer, como, por exemplo, “passar no vestibular”, “conseguir um emprego”, “ajudar a manter a escola limpa” etc. Depois, considere com eles o que é preciso fazer para que eles e todas as pessoas

consigam esses objetivos. No exemplo “passar no vestibular”, eu e todas as pessoas devemos estudar muito para atingir o objetivo. Por fim, oriente os alunos a escrever uma norma que sirva para eles e para todas as pessoas – por exemplo, “para passar no vestibular, devemos estudar muito”.

Você pode usar o esquema a seguir para dinamizar o exercício.

<b>Qual objetivo?</b>	Passar no vestibular.
<b>O que é preciso para você e todas as pessoas conseguirem isso?</b>	Devemos estudar muito.
<b>Imperativo hipotético:</b>	Para passar no vestibular, devemos estudar muito.

<b>Qual o objetivo?</b>	Ter um carro.
<b>O que é preciso para você e todas as pessoas conseguirem isso?</b>	Devemos trabalhar e economizar.
<b>Imperativo hipotético:</b>	Para ter um carro, devemos trabalhar e economizar.

## Observação

Seria possível ouvir, por exemplo, que, para conseguir ter um carro, basta roubar, ou pedir para os pais ou a um parente rico. No entanto, nem todas as pessoas podem pedir para o pai ou um parente, e é crime roubar. Por outro lado, todos podem trabalhar e economizar, independentemente de sua condição social. Por

exemplo, um pobre não pode ganhar um carro dos pais, mas pode trabalhar para ter um, do mesmo modo que um rico, embora possa ganhar um carro dos pais, também pode trabalhar e economizar para comprá-lo.

2. Em outra versão do exercício, você pode pedir que seus alunos partam do mesmo objetivo para criar um raciocínio mais completo.

<b>Objetivo:</b>	Conseguir um bom emprego.
<b>Para conseguir um bom emprego devemos:</b>	Fazer faculdade.
<b>Imperativo categórico:</b>	Para conseguir um bom emprego, devemos fazer uma faculdade.

No quadro seguinte, o que era condição hipotética torna-se objetivo.

<b>Objetivo:</b>	Fazer faculdade.
<b>Para fazer faculdade devemos:</b>	Passar no vestibular.
<b>Imperativo categórico:</b>	Para fazer faculdade, devemos passar no vestibular.

Você pode continuar o exercício quantas vezes julgar necessário.

<b>Objetivo:</b>	Passar no vestibular
<b>Para passar no vestibular devemos:</b>	Estudar muito
<b>Imperativo categórico:</b>	Para passar no vestibular, devemos estudar muito.

Este exercício proporcionará a fixação do conteúdo e das habilidades de reflexão crítica e ética, o que é fundamental para a formação integral do aluno.

### Refletir – Imperativo categórico

Para trabalhar o imperativo categórico, você pode explicar que ele não tem conteúdo específico; ele é uma forma. Para deixar isso mais claro, transcreva a frase a seguir na lousa e peça aos alunos que a copiem no caderno, iniciando a reflexão sobre seu conteúdo.

age com base em uma máxima que também possa ter validade como uma lei universal.

KANT, Immanuel. *Metafísica dos costumes*. Tradução Edson Bini. Bauru: Edipro, 2003.

Esse conceito pode ser apresentado em linguagem mais simples: “age com uma norma que também possa valer para todos”, ou ainda, “o que você deve obedecer, os outros tam-

bém devem”, “o que você não deve obedecer, os outros também não devem”.

Como teste, você pode apresentar aos alunos a seguinte formulação:

- ▶ Toda vez que eu sentir raiva, darei um soco na pessoa que me irrita.

Considere, para o raciocínio, que essa lei deve ser praticada por todos:

- ▶ Todas as vezes em que as pessoas sentirem raiva darão um soco na pessoa que as irrita.

Considere outro ponto de vista, a partir desse raciocínio:

- ▶ Todas as vezes que eu irritar uma pessoa, ela deve me dar um soco.
- ▶ Todas as vezes que minha mãe irritar alguém, ela deve levar um soco.
- ▶ Todas as vezes que a pessoa que eu amo irritar uma pessoa, ela deve levar um soco.

Contudo, considerando que eu não quero levar um soco quando irritar alguém, não devo criar uma regra que só possa valer para as outras pessoas, as de que gostamos e as de que não gostamos. Por isso, podemos refazer a fórmula inicial:

- ▶ Todas as vezes que eu sentir raiva, não devo socar quem me irrita.

Assim, o raciocínio pode continuar a ser invertido:

- ▶ Todas as vezes que as pessoas sentirem raiva, não devem socar a quem as irrita.
- ▶ Todas as vezes que minha mãe irritar uma pessoa, ela não deve levar um soco.
- ▶ Todas as vezes que a pessoa que eu amo irritar uma pessoa, ela não deve levar um soco.

Assim funciona o imperativo categórico, como forma que serve para guiar nossa vontade. O bem surge na medida em que nós legislamos sobre nossa conduta, em relação à conduta de todas as pessoas.

### Exercício

Você pode orientar os alunos a exercitar a reflexão ética, apontando alguns elementos para que eles possam responder por meio do imperativo categórico. Observe o exemplo:

- ▶ Todas as vezes que erro, devo procurar me corrigir, porque quero que as pessoas corrijam seus erros.
- ▶ Todas as vezes que as pessoas erram, devo procurar perdoar e compreender, porque, quando eu erro, quero ser perdoado e compreendido.
- ▶ Todas as vezes que falo, devo falar a verdade, porque quero que as pessoas falem a verdade para mim.

Em seguida, apresente as seguintes sentenças e peça aos alunos que preencham os espaços vazios, a partir dos exemplos dados e à luz dos conceitos trabalhados:

- ▶ Todas as vezes que namoro, devo \_\_\_\_\_, porque quero que \_\_\_\_\_.
- ▶ Todas as vezes que estudo, devo \_\_\_\_\_, porque quero que \_\_\_\_\_.
- ▶ Todas as vezes que fazem mal a uma pessoa, devo \_\_\_\_\_, porque quero que \_\_\_\_\_.

### Avaliação da Situação de Aprendizagem

A avaliação ocorrerá por meio da observação do caderno dos alunos. Verifique a presença dos exercícios e dos textos. Sem eles, os alunos não poderão progredir nos estudos.

### Propostas de questões para avaliação

1. Apresente alguns exemplos de situações nas quais você se percebe uma pessoa com autonomia. Justifique sua resposta.

*Espera-se que o aluno responda com situações do seu cotidiano e argumente justificando seu entendimento de que essas situações são experiências de autonomia.*

2. Qual é a importância de um conceito como o imperativo categórico?

*O imperativo categórico é uma lei ética que não tem conteúdo, apenas forma. Ela afirma que o nosso agir deve ser pautado por uma lei que possa servir a todas as pessoas.*

3. Qual das frases abaixo pode ser considerada fruto do imperativo categórico?

- a) Toda vez que uma pessoa cometer um erro, não devo compreendê-la.
- b) Quando for ofendido, devo me vingar.
- c) Sempre que precisar, agirei com falsidade.
- d) Darei esmolas sem pensar.

e) Quando eu falar, não devo mentir.

4. Assinale a frase que contém um imperativo hipotético:

- a) Não matarás.
- b) Se eu quiser um bom emprego, devo fazer faculdade.
- c) Se abrir, feche.
- d) O homem sábio sabe ouvir.

e) A liberdade é o direito de fazer o que se quer.

5. Discuta a frase “As pessoas devem fazer suas próprias normas, a partir da reflexão”, problematizando sua realização prática.

*Espera-se que o aluno elabore uma reflexão, apresentando fatores que impedem não apenas a reflexão por parte de algumas pessoas, como também a importância, em muitas situações, de aceitarmos normas propostas por nossos coletivos justamente para o nosso bem. A reflexão deve ser valorizada não apenas para elaborarmos nossas normas, mas também para aceitarmos normas alheias, quando necessário.*

### Proposta de Situação de Recuperação

Refaça todos os exercícios sobre os imperativos e conceitue autonomia, oferecendo exemplos concretos referidos no Caderno ou outros que você considerar oportunos.

### Recurso para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para compreensão do tema

#### Filme

*A violência que rola.* Brasil, TV Escola. Produzido pela TV ESCOLA e disponível nos acervos das escolas. O filme discute o encadeamento da violência a partir da reação impensada das pessoas. Pode ser um apelo ao uso do imperativo categórico (também está disponível no site <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=20801](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=20801)>).

 Anotações

Lined writing area with spiral binding on the left side.

